



Edição 25 – Fevereiro de 2020  
Artigo recebido até 30/12/2019  
Artigo aprovado até 22/01/2020

## A HERANÇA DO CONTATO ENTRE AS LÍNGUAS AFRICANAS E A PORTUGUESA FALADA NO BRASIL EM MÚSICAS REGIONAIS POPULARES

Pedro Paulo de Souza Fattori

G/UEMS

peterfattori@gmail.com

**Resumo:** A presente pesquisa teve por objetivo verificar, analisar as modificações fonético-fonológicas na Língua Portuguesa falada no Brasil advindas do contato com os povos e as línguas africanas, além de comprovar tais alterações em letras de músicas populares das regiões rurais e do nordeste do Brasil. Para tal a pesquisa partiu de uma análise histórica desde o hegemônico processo de colonização do país e a imposição da Língua Portuguesa europeia aos escravos, até tomar o negro como agente transformador da língua do país. Essas mudanças são classificadas de acordo com os conceitos gramáticos de Metaplasmos, e exemplificadas nas músicas de Luiz Gonzaga. Também são levantadas reflexões acerca do “preconceito linguístico” decorrentes do uso de variações não-padrão da Língua Portuguesa.

**Palavras-chave:** Sociolinguística, Línguas africanas, Português do Brasil, Música regional, Preconceito linguístico.

### Introdução

Historicamente, o contato frequente e cotidiano entre diferentes povos, com cultura, língua, costumes e ideologias que divergem entre si, sempre causou um choque, e desta situação, como uma síntese, foram gerados novos produtos culturais, gerando influência em ambas as culturas, incluindo a língua dos envolvidos neste “encontro”. Mesmo que se tente negar este fenômeno cultural por razões da busca pelo poder de uma nação sobre a outra, não há como haver contato sem que ambas as partes saiam afetadas. Neste processo, encontra-se a formação de culturas híbridas, abrangendo não só os costumes e relações humanas, mas também a língua que se modifica e adapta-se para uma comunicação efetiva.

Não se encontra em situação diferente a formação do povo brasileiro. O antropólogo, escritor e político paulista, Darcy Ribeiro, em sua obra intitulada “O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil”, relata os caminhos e características da miscigenação que gerou a identidade dos cidadãos tupiniquins. São destacados por ele, as três etnias que mais influenciaram a formação desta identidade nacional, são elas: A branca, a negra e a indígena. Sabe-se que esses povos além de traços genéticos e físicos, também possuíam línguas maternas e culturas diferentes, e a mistura desses elementos contribuiu para a formação da Língua

Portuguesa que é falada no Brasil contemporâneo, além dos costumes culturais, como música, danças, festas populares e culinária, presentes no vasto território nacional.

Os povos negros, advindos de diversas regiões da África, foram trazidos ao Brasil como forma de mão de obra escrava, e já como posição subalterna, tiveram que se aculturar à Língua Portuguesa falada por seus “superiores” a fim de ser estabelecida a comunicação mínima que serviria apenas para as funções trabalhistas. Assim, nesta busca pela adaptação da língua, surgiram dialetos híbridos, que fundiam línguas africanas e a Língua Portuguesa europeia, os chamados “Dialetos Crioulos”, que se tratavam de uma redução ou simplificação da Língua Portuguesa, misturado a termos africanos a fim de gerar comunicação entre senhores e escravos. Segundo Silva Neto (1988), os “crioulos são falares de emergência, com caracteres definidos e vida própria, que consistem na deturpação e simplificação extrema de uma língua, quando imperfeitamente transmitida e aprendida por gente de civilização inferior”.

Considerando o contexto apresentado, o objetivo do presente artigo é descrever e analisar as modificações e tendências linguísticas dos povos africanos no contato e na formação do povo Brasileiro, bem como os fatores socioculturais que serviram como agravante para tal. Também serão identificados os povos, regiões e línguas africanas com maior representatividade e influência em nosso histórico social e linguístico, além das principais características de suas línguas. Tais análises serão realizadas através de levantamento de pesquisas em artigos e livros na área da sociolinguística, com foco na influência dos povos africanos na cultura e língua brasileira, como a obra de Mendonça (1973), “A influência africana no português do Brasil”, publicada na década de 1930 (com sua 4ª edição em 1973), e que é considerada pioneira nos estudos linguísticos sobre os africanismos em nossa língua. Ainda como embasamento à pesquisa, serão utilizados estudos da linguista Pessoa de Castro (2018) que em sua pesquisa se aprofunda no levantamento das origens e características das línguas africanas que adentraram o Brasil, bem como a influência linguística e cultural desses povos.

Ademais, serão classificadas e analisadas as influências Fonéticas e Fonológicas deixadas por estas mesmas línguas na modalidade oral da Língua Portuguesa regional, coloquial, falada no Brasil, levantando ainda questões sobre o “Preconceito Linguístico”, estudado por Bagno (2002), a fim de refletir sobre o lugar de fala desses dialetos influenciados pelas línguas africanas, e seu desprezo na sociedade e na modalidade padrão e culta do português

brasileiro. Tais influências fonéticas e fonológicas serão classificadas de acordo com os conceitos de metaplasmos. Por fim será feito um levantamento de músicas populares ou regionais que contenham uma explícita influência dos aspectos fonéticos e fonológicos mencionados nos estudos, a fim de comprovar com registros culturais a herança do contato entre as línguas africanas e a Língua Portuguesa coloquial perpetuada na cultura popular brasileira.

### **Antecedentes Históricos**

O período escravagista e de tráfico humano no Brasil durou mais de três séculos no Brasil. Neste período, estima-se que cerca de 4 a 5 milhões de escravos, falantes de línguas africanas tenham adentrado os territórios brasileiros tanto por meios legais como por contrabando. Há dificuldade em se afirmar com clareza os números, dados e de que região da África vieram os negros escravizados durante esse período brasileiro, por conta de um decreto estabelecido em 1890, pelo então ministro da fazenda, que incentivava a queima e a destruição de qualquer documento oficial de compra e venda de escravos. Sobre isso, Mendonça (1973) ressalta, “A lastimável incúria, em que estiveram os estudos sobre o negro no Brasil, demonstra-se pela inexistência de dados diretos como pela raridade, durante muitos anos, de trabalhos modernos sobre o assunto” (MENDONÇA, 1973, Pg.59). Porém, segundo o censo de 1823, 75% da população nacional eram constituídos por negros e mestiços. Ou seja, a quantidade de povos falante de uma língua diferente do português europeu puro era muito superior.

Neste processo, os escravos deveriam aprender a língua do colonizador de maneira imposta, e apenas através do contato auditivo e oral. Isso levou a uma adaptação dos fonemas e sons de sua língua materna que deveriam se adaptar a Língua Portuguesa europeia, modificando sua pronúncia (fonética) e estruturas morfológicas e sintáticas através deste contato.

Levando-se em conta a posição subalterna e escravizada da presença africana na sociedade brasileira, e sua possível influencia na língua nacional falada, deve-se tentar estabelecer uma “identidade de relações entre factos linguísticos e factos culturais, sendo ambos condicionados pela necessidade da vida em sociedade” (MARTINET, s.d.). Simplificando, os

escravos deveriam se submeter a aprender uma nova língua, com fonemas e estruturas sintáticas diferentes das de sua língua materna, sem nenhum tipo de preparo ou ajuda, simplesmente através do contato cotidiano com esta segunda língua, a Língua Portuguesa. Claramente, houve alguns fonemas e estruturas que não se adaptaram bem a fala dos escravos falantes de línguas africanas, por diversos fatores linguísticos de sua língua materna. Com o passar do tempo, essas “falhas” se perpetuaram e se incorporaram nos falares populares do português do Brasil cotidiano, afetando, mantendo-se especialmente nas classes subalternas, humildes e nas zonas rurais (PESSOA DE CASTRO, 2018).

### **Origem, regiões e características das línguas africanas que adentraram o Brasil**

Deve-se levar também em conta que os escravos não foram tomados de apenas uma região da África, e que este continente possui uma variedade imensa de línguas e culturas, o que justifica a não generalização da influência negra no Brasil como um processo homogêneo, mas uma série de influências de cada povo, língua e costumes em diferentes regiões, do também imenso, território brasileiro. Porém, quais foram esses povos? De que região africana vieram? Quais línguas falavam e quais suas principais características?

Em seus estudos acerca do tema, Yeda Pessoa de Castro expõe os dados:

Do século XVI ao século XIX, o tráfico transatlântico trouxe em cativeiro para o Brasil quatro a cinco milhões de falantes africanos originários de duas regiões da África subsaariana: a região banto, situada ao longo da extensão sul da linha do equador, e a região oeste africana ou “sudanesa”, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria. (PESSOA DE CASTRO, 2018, pg.3).

Dessas duas regiões principais, a região Bantu engloba um total de 21 países africanos, com 300 línguas muito semelhantes entre si. As que mais tiveram importância em territórios tupiniquins foram o Quicongo, o Quimbundo, e o Umbundo, que possuíam como características principais o sistema de classes que funciona por meio de prefixos que se ordenam em pares, para exprimir a oposição singular e plural dos nomes, o aumentativo, o diminutivo, o locativo, o infinitivo dos verbos, permitindo ainda delimitar o sentido desse mesmo nome. Suas

principais consoantes são b, f, j, p, h, k, l, m, n, ñ, r, s, t, v, x, z, e os grupos consonânticos são constituídos na maioria das vezes por nasal + consoante, que são as nasaladas (mb – mbirimbau). Além disso, as palavras nas línguas bantu sempre terminam em vogal (PESSOA DE CASTRO, 2018, pg. 8).

Quanto às línguas “sudanesas” advindas do oeste africano, tiveram seus principais representantes no Brasil com o Ioruba (Sudoeste da Nigéria), e o Ewe-fon, chamados no Brasil de Mina ou Jeje. O artigo de Ramos (2017) ainda levanta algumas questões sobre o pequeno número de falantes e os usos das línguas sudanesas:

Sobre as línguas sudanesas não foram detectada muitas informações sobre suas características a não ser que os seus representantes no Brasil vieram posteriormente aos bantos e eram em minoria, por isso os seus falares se limitaram à religião, que mais tarde tornou-se objeto de estudo, levando estudiosos a interpretar a qualquer linguagem africana como sendo ioruba (RAMOS, 2017, p.7).

Por fim, diz Pessoa de Castro (2018) : “No entanto, apesar dessa notável diversidade de línguas, todas elas têm uma origem comum que é a grande família lingüística Níger-Congo. Logo, são todas línguas aparentadas”. Sobre isso, afirma Mendonça:

A família negro-africana, na sua gramática comparada, apresenta certos traços comuns que lhe são peculiares. Línguas sudanesas e bantu coincidem nas características gerais. Daí parte a suposição da existência anterior de um africano comum, em era não muito remota (MENDONÇA, 1973. p. 65).

Com base no acima visto, é possível chegar à conclusão de que as línguas africanas que mais influenciaram o falar da Língua Portuguesa brasileira, no que tange a aspectos fonéticos e fonológicos, bem como estruturais, são de origem Bantu, enquanto as línguas sudanesas influenciaram mais a cultura negra perpetuada nas religiões de matrizes africanas praticadas em território nacional.

### **O Negro como “Personagem Falante”**



Muito já se foi falado sobre papel subalterno que os imigrantes africanos receberam ao chegar, e também, no decorrer da história do Brasil colonial. Sua posição como escravo, um ser inferior, muitas vezes tratado apenas como propriedade ou objeto, serviu para serem observados não como seres humanos, que pensam, têm história e têm voz, mas como uma comunidade refém dos desejos dos donos do poder. Tal visão perpetuada pelo tradicionalismo no decorrer do tempo, têm suas consequências até os dias atuais com o, ainda recorrente, preconceito racial.

Como já visto, a certa altura do século XIX, os negros e mestiços representavam dois terços da população nacional, e tal fato é de grande importância para serem explicados fatos socioeconômicos, culturais e linguísticos. É durante esse período que o negro passa a criar uma identidade, o senso de comunidade e participação na história, cultura e também na construção de uma nova língua falada no País. Através de sua representatividade numérica e em alguns de seus cargos (mesmo que nas classes baixas da sociedade) o “negro-africano torna-se o personagem falante no desenrolar dos acontecimentos” (PESSOA DE CASTRO, 2018, p.4).

Para Aragão (2011), a Língua, a cultura e a sociedade são fatores que não devem ser separados ao tentar criar um panorama do estudo das mudanças de uma língua. Esses três fatores estão atrelados e em evolução constante e complementar, e suas modificações justificam fatos sociais e linguísticos que se analisados apenas linguisticamente seriam de grande dificuldade para serem analisados e determinados (ARAGÃO, 2011, p. 8).

Sendo assim, os fatores sócios históricos que transpassam as histórias decorrentes da presença africana no Brasil, são de suma importância para a criação de uma resistência cultural, guiados por personagens frutos dessas histórias, que por sua vez, acabam influenciando tanto na língua quanto na cultura geral da nação.

Exemplo dessa resistência são as chamadas “línguas de santo”, que se derivam do Ioruba e eram utilizadas em rituais religiosos, utilizando termos e canções totalmente em sua língua materna, enquanto no cotidiano o que havia era a aculturação do negro tentando, em um ato aloglota e imposto, se apropriar da Língua Portuguesa para fins de interação social com as classes mais elevadas e para o trabalho (PESSOA DE CASTRO, 2018).

Com essa fusão de culturas, raças e a própria língua, era natural que houvesse uma miscigenação linguística tão grande que se gerassem outros dialetos. Como dito anteriormente,

esses dialetos eram chamados de “Crioulos” e se constituíam da incorporação de termos africanos em uma versão simplificada do português, ou mesmo o contrário, dependendo da região, o dialeto crioulo poderia se formar diferentemente. Esses dialetos surgiam em grande número, porém desapareciam rapidamente, sendo poucos os dialetos crioulos de grande expressão no Brasil. Um desses dialetos que apesar de sua existência efêmera, teve uma função de resistência aos negros foi o denominado “Mina”, que era falado por um grande número de africanos e descendentes, e era de difícil compreensão aos patrões, o que propiciava uma melhor organização de revoltas e fugas dos escravos. Segundo Pessoa de Castro (2018) os impactos decorrentes do uso desse dialeto fizeram com que Antônio da Costa Peixoto publicasse em 1945 um documento linguístico com o nome “A obra nova da língua geral de Mina”, afim de orientar e apresentar aos patrões as palavras e expressões da língua Ewe-fon, (Língua sudanesa do oeste da África) para que assim eles tomassem ciência do novo dialeto e frustrassem possíveis rebeliões que estavam sendo organizadas e propagadas pelos escravos (PESSOA DE CASTRO, 2018, pg.7).

Um outro personagem de importância significativa para as modificações e relação entre a língua africana e a portuguesa foi o Ladino. Geralmente filhos de escravos, ou mestiços, os Ladinos eram indivíduos que desde cedo obtinham o português como uma de suas línguas maternas, bem como a de origem africana, sendo assim bilíngues. Por esse motivo, podiam participar da “Casa-grande” e da “Senzala”, ou seja, dois ambientes “sócio linguisticamente diferenciados” (PESSOA, 2018, pg.4) Sua posição de prestígio o fazia ocupar lugares de destaque entre os trabalhadores, ocupando cargos como “Capitães do mato” ou Guardas pessoais de seus proprietários. Ainda ressalta Pessoa de Castro:

Na condição de bilíngues, atuavam como uma espécie de leva-e-traz, o que deu motivo ao ditado popular “diante de ladino, melhor ficar calado”, desde quando podiam falar a um número maior de ouvintes, e influenciá-los, resultando daí por adaptarem uma língua a outra e estimularem a difusão de certos fenômenos linguísticos entre os não bilíngues, no caso, o “escravo novo” e o chamado “escravo boçal”, aqueles que não falavam português. (PESSOA DE CASTRO, 2018. p.5)

Tão importante quanto, ou até mais, foi a figura exercida por algumas mulheres negras que ocupavam no seio familiar dos patrões o cargo de “mãe preta” ou “ama de leite”, ou seja,

adentrava a “casa-grande” de seus superiores e trabalhava em ambiente doméstico, como babá de seus filhos e como governanta, exercendo assim sua influência linguística nos falares dos filhos dos senhores de escravos, deixando uma herança linguística africana mesmo em ambiente tradicionalmente conservador. Coube a essas mulheres a introdução de “elementos simbólicos do seu universo cultural e emocional que ela introduziu em contos populares e cantigas-de-ninar, tais como, seres fantásticos (tutus, mandus, boi-da-cara-preta), expressões de afeto (dengo, xodó), crenças e superstições (o homem-do-saco, interdições alimentares).” (PESSOA DE CASTRO, 1990).

### **A influência africana na Língua Portuguesa**

“Uma língua que se desenvolve em dois territórios separados, frequentemente, se desdobra” (MENDONÇA, 1973, pg.75). Com base nesta citação e observando agravantes como o passar do tempo, tais como o grande território nacional, o contato com outras línguas de matrizes indígenas e africanas e o desnivelamento social presente no país, era natural que a Língua Portuguesa europeia que adentrou as terras tupiniquins se “desdobrasse” gerando alterações desde em sua fonética, fonologia, morfologia e sua sintaxe, até novos termos lexicais e ressignificações de palavras, ou seja, no campo semântico.

Observando essas mudanças e a variação linguística presente em diferentes regiões do país, é possível constatar significativas mudanças no desenvolver geral da Língua Portuguesa falada no Brasil, em relação a tradicional Língua Portuguesa europeia, formando assim não apenas um dialeto de sua língua mãe, mas vários subdialetos se forem levados em conta cada região do país. Segundo Renato Mendonça (1973), a característica mais notável de diferenciação do português brasileiro seria um “caráter preguiçoso e lento”, devido ao alongamento no pronunciar das vogais pretônicas, ou seja, o falar brasileiro destaca mais a pronúncia das vogais, enquanto o da Língua Portuguesa tradicional enuncia mais as consoantes e suas articulações dando destaque apenas para a vogal tônica das palavras.

Como já mencionado, tais mudanças não se deram apenas pelo fator de distanciamento ou tempo, mas pelo contato com línguas de matrizes indígenas e africanas no decorrer da



história. Tais influências múltiplas, fizeram com que em vários estudos sobre a evolução da Língua Portuguesa fossem generalizadas as influências das línguas indígenas e africanas, não se diferenciando seus fatores individuais. Renato Mendonça tenta explicar tal generalização, pois apesar de o índio já se encontrar afastado da sociedade brasileira, havia mais material de prestígio na literatura e na história (como a literatura indianista, a língua geral e a toponímia de cidades e estados) sobre os indígenas do que sobre o negro. Segundo ele “Há muita coisa influenciada pelo indianismo de Gonçalves Dias e Alencar. O negro que sua no eito e, esfalfado, trabalha sob o chicote, não oferece a mesma poesia do índio aventureiro, que erra pelas florestas...” (MENDONÇA, 1973, p.79).

Todavia, após anos passados da precursora obra de Mendonça (1973), e diversas pesquisas sobre a evolução da Língua Portuguesa falada no Brasil, chega-se a distinção entre as influencias indígenas e africanas. Segundo estudos mais recentes é possível diferenciá-las:

Temos que a influência africana no português popular do Brasil foi mais profunda que a do tupi, embora menos extensa. Explico-me. O negro escravo terá atingido mais facilmente e mais intensamente a fonética e a morfologia da língua do que o índio, que por sua vez nos legou um vocabulário mais considerável e numeroso. Eu diria que a influência tupi foi horizontal, ao passo que a influência africana foi mais vertical (GLADSTONE, 1981).

Tendo consciência dessas influencias específicas de cada grupo é possível realizar observações mais específicas sobre os fatores que levaram os negros a apropriarem e sensivelmente modificarem a Língua Portuguesa cotidiana do Brasil, principalmente no que tange a sua utilização em meios rurais de trabalho e entre as classes mais humildes economicamente e sem grande nível de estudo da gramática normativa da Língua Portuguesa.

Pessoa de Castro (2018) levanta em seus estudos fatores que foram favoráveis a adaptação do negro à imposição que sofreu da língua de seu colonizador. A estrutura da Língua Portuguesa se assemelha as africanas pelo sistema constituído por sete vogais orais (a, e, ê, i, o, u) e a estrutura silábica ideal (CV.CV) (consoante vogal.consoante vogal), em que pode se observar a conservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo quando átona. Essa aproximação fez com que a Língua Portuguesa falada pelos escravos tivesse uma base mais vocálica, afastando assim do português de Portugal, que possuía uma pronúncia

demasiadamente consonantal. Como exemplos a autora cita as palavras “Pneu”, “advogado” e “ritmo”, que ao serem abasileiradas tem sua pronúncia como “Pi.neu”, “A.di.vo.ga.du” e “Ri.ti.mu”.

Segundo Yeda essas modificações não ficaram restritas apenas ao grupo social dos escravos negros, nem a apenas uma região do país:

Considerando que o português do Brasil não é um todo, um bloco uniforme, mas um conceito coletivo que se pode desdobrar em níveis, de acordo com as ocasiões, as regiões e as classes sociais, os aportes africanos estão mais ou menos completamente integrados ao sistema lingüístico do português brasileiro segundo os níveis de linguagem socioculturais, enquanto o português de Portugal (antigo e regional) foi ele próprio africanizado, de certa forma pelo fato de uma longa convivência (PESSOA, 2018, p.9).

Além da influência na pronúncia mais forte das vogais na língua falada no Brasil, houve também modificações a níveis fonéticos, morfológicos, sintáticos e até lexicais causados pela presença dos negros como seres falantes e transformadores da língua, como já dito anteriormente. O objeto específico do estudo deste artigo serão as modificações nos aspectos fonéticos e fonológicos da Língua Portuguesa do Brasil decorrente deste contato multi-cultural, que serão tratados nas seções adiante.

### **O Preconceito linguístico decorrente dessas modificações**

Há ainda a necessidade de se levantar questões e reflexões acerca do preconceito linguístico gerado na sociedade brasileira a partir dos frutos desta influência. As modificações advindas do uso da língua pelos escravos, gerou uma modalidade não-padrão da Língua Portuguesa. Como já visto, os negros ocuparam posições subalternas e de desprestígio no Brasil colonial, fato que tem reflexos até na sociedade atual, e, por serem considerados inferiores, é natural que uma vertente da língua que fosse modificada e influenciada por estes indivíduos também fosse considerada como uma variação desprestigiada e inferior da língua, o que explica a não integração dessas modificações à norma culta da Língua Portuguesa mesmo após séculos

de utilização na modalidade falada. Afinal, quem elege as normas sociais, sejam de ordem linguísticas ou outras quaisquer, é a classe hegemônica e, esta muitas vezes não tem interesse em incluir algo considerado inferior como regra.

Consequentemente, os falantes desses dialetos considerados “errados” ou “incultos”, sofreram e sofrem até a contemporaneidade um tipo de preconceito que transpassa o racial e o social: O chamado “preconceito linguístico”. Segundo Bagno:

São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola. Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua.[...] É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, [...] por isso podemos chamá-los de sem-língua (BAGNO, 2002, p, 32).

Tendo conhecimento da posição e lugar de fala dos que transmitem esse dialeto influenciado pela presença das línguas africanas na história do Brasil, a próxima sessão irá tratar especificamente das modificações nos aspectos fonéticos e fonológicos da modalidade oral da Língua Portuguesa brasileira, e mais adiante irá analisar o uso dessa variação linguística em músicas populares que fazem parte do imaginário cultural coletivo da população nacional.

### **O negro e a fonética brasileira**

Muitos estudos acerca dos fatos fonéticos e fonológicos desenvolvidos na história da Língua Portuguesa no Brasil, tentam negar a influência direta das línguas africanas, atribuindo à simples evolução da língua, e/ou devido a fatos sociais de distanciamento da língua falada e da normativa, por conta do não estudo da língua escrita pela maioria da população do Brasil colônia e império. Contudo, seguindo os estudos de Renato Mendonça, que em 1933 foi

precursor de um olhar mais aprofundado sobre as modificações causadas na Língua Portuguesa pela presença e o contato com os escravos falantes de línguas de matrizes africanas, na obra “Influência africana no Português do Brasil”, pode-se afirmar que:

O negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular. Um contato prolongado de duas línguas sempre produz em ambas fenômenos de osmose. [...]

Ao lado da contribuição genérica e imprecisa que deu o africano para o alongamento das pretônicas e a elocução clara e arrastada, deixou sinais bem seus nos dialetos do interior, principalmente (MENDONÇA, 1973, p.80).

No que tange às alterações fonéticas de origem africana que aparecem na língua falada no Brasil, pode se dizer que são decorrentes de fatores linguísticos predispostos nos negros por conta de sua língua materna como, por exemplo, os fonemas finais dos verbos no imperativo e outras palavras serem transformados em vogais (Por exemplo: “Fazê”, Pegá”, “Cumê”), o que coincide com a estrutura silábica das palavras em Banto e Ioruba, que nunca terminam em consoante, segundo diz Pessoa de Castro (2018).

Outras modificações fonéticas serão estudadas a seguir tomando por base o conceito gramatical de metaplasmos, termo utilizado para denominar qualquer alteração sofrida pela palavra em sua evolução, assim classificando em suas respectivas denominações.

### **Língua e Música: Metaplasmos nos Regionalismos**

A fim de comprovar, exemplificar, e ainda, refletir sobre como esses metaplasmos têm impacto sobre a língua falada e perpetuada na cultura popular, serão apresentadas algumas canções populares, principalmente da região do nordeste brasileiro, que carregam em sua lírica palavras que sofreram essa influência linguística que anteriormente foi decorrente do contato com os escravos africanos, e até os dias de hoje ocupam lugar nos cantares advindos das classes mais regionais da população brasileira, ressaltando a afirmação de Aragão (2011) de que “a herança africana em nossa cultura permanece até hoje bastante forte em certas áreas, como na religião, na música, na culinária, nos folguedos populares, costumes e tradições recebidas dos africanos e marcantes na sociedade brasileira atual” (ARAGÃO, 2018, pg.9).

Ora, por conta do maior número de escravos no local, as regiões brasileiras que mais foram influenciadas pela população negra foram a região rural (por seu aspecto trabalhista nas lavouras) e a região do Nordeste Brasileiro, tanto em sua língua, música, religião, culinária e festas populares. Visto isso, as análises dos metaplasmos a seguir, tratarão de observar juntamente língua e música brasileira, principalmente as advindas dessas regiões (PESSOA DE CASTRO, 2018).

As canções escolhidas para serem analisadas são em sua maioria do tradicional cantor nordestino Luiz Gonzaga, que em sua produção musical aborda ritmos como o Forró, Baião, e Xote, trazendo em suas letras temáticas referentes a vida nordestina no que tange a seca, as festas populares, os cortejos, o descaso político e sua cultura em geral, gerando através da música a identidade e as marcas desse povo. As três músicas escolhidas são: “Asa Branca”, “Danado de bom” e “Vem morena”.

Uma última música a ser analisada faz parte da cultura rural, assim como retrata também este contexto. Composta por Gêysa Bôscoli e Guilherme Figueiredo, e mais conhecida pela interpretação infantil de Sandy & Júnior, a canção “Maria Chiquinha” faz parte do imaginário cultural e do folclore brasileiro, remetendo assim ao ambiente rural, local onde a influência linguística africana se faz bastante presente, por ter sido um ambiente de trabalho dos negros escravizados.

### Canções Regionais e suas variações linguísticas

A seguir, serão mostradas as letras das músicas mencionadas, de forma integral e com destaque para as variações linguísticas, transcritas através da audição da pronúncia nas gravações e apresentações, mantendo-se nessa transcrição a fonética da oralidade e que serão posteriormente estudadas:

CANÇÃO 1:

**Asa Branca**

Luiz Gonzaga - Humberto Teixeira (1947)

Quando “oiei” a terra ardendo

Qual fogueira de São João

Eu “**preguntei**” a Deus do céu, uai

“**Pruque**” tamanha judiação (bis)

Que braseiro, que “**fornaia**”

Nem um pé de “**prantação**”





Edição 25 – Fevereiro de 2020  
Artigo recebido até 30/12/2019  
Artigo aprovado até 22/01/2020

Por “**farta**” d’água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão (bis)

Até mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
Então eu disse adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração (bis)

Hoje longe muitas léguas

CANÇÃO 2:

#### **Danado de Bom**

Luiz Gonzaga/João Silva ( LP - Danado de Bom - 1984)

“**Tá**” é danado de bom  
“**Tá**” danado de bom meu “**cumpadi**”  
“**Tá**” é danado de bom  
Forrozinho bonitinho,  
Gostosinho, safadinho,  
Danado de bom

Olha o natamira na zabumba  
O zécupira no “**triângu**”  
E mariano no gonguê  
Olha meu “**cumpadi**” na viola  
Meu sobrinho na manola  
E cipriano no melê  
Olha a meninada nas cuié  
Tá sobrando capilé  
E já tem “**bêbo**” pra “**daná**”,  
Tem “**nego**” grudado que nem piolho  
Tem “**nega**” piscando o olho  
Me chamando pra “**dançá**”.  
Tem “**nego**” grudado que nem piolho  
Tem “**nega**” piscando o olho  
Me chamando pra “**dançá**”. E eu “**vô**” lá.  
CANÇÃO 3:

#### **Vem morena**

Luiz Gonzaga  
Vem, morena, pros meus braços  
Vem, morena, vem “**dançá**”  
Quero ver tu requebrando  
Quero ver tu requebrar  
Quero ver tu remexendo

Numa triste solidão  
Espero a chuva “**caí**” de novo  
Pra eu “**vortá**” pro meu sertão (bis)

Quando o verde dos teus “**óio**”  
Se “**espaia**” na “**prantação**”  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu “**vortarei**”, viu, meu coração

“**Tá**” é danado de bom  
“**Tá**” danado de bom meu “**cumpadi**”  
“**Tá**” é danado de bom  
Forrozinho bonitinho,  
Gostosinho, safadinho,  
Danado de bom

“**Tá**”, que forrozinho de primeira  
Já “**num**” cabe “**forrozêro**”  
E cada vez chegando mais  
“**Tá**”, da cozinha e do “**terrêro**”,  
“**Sanfonêro, zabumbêro**”  
Pra frente e pra trás  
Olha meu “**cumpadi**” damião  
Pode apagar o lampeão  
Que tá querendo “**clariá**”  
Agüenta o fole meu compadre bororó  
Que esse é o tipo de forró  
Que não tem hora pra “**pará**.”

“**Tá**” é danado de bom  
“**Tá**” danado de bom meu “**cumpadi**”  
“**Tá**” é danado de bom  
Forrozinho bonitinho,  
Gostosinho, safadinho,  
Danado de bom

Resfulego da sanfona  
“**Inté**” que o sol raiar  
Quero ver tu “**remexeno**”  
Resfulego da sanfona  
“**inté**” que o sol raiar

Esse teu fungado quente  
Bem no pé do meu pescoço  
Arrepiá o corpo da gente

Faz o “**véio**” ficar moço  
E o coração de repente  
Bota o sangue em “**arvoroco**”

Vem, morena, pros meus braços  
Vem, morena, vem “**dançá**”  
Quero ver tu requebrando  
Quero ver tu requebrar  
Quero ver tu “**remexeno**”  
Resfulego da sanfona  
“**Inté**” que o sol raiar  
Quero ver tu remexendo  
Resfulego da sanfona  
“**inté**” que o sol raiar

Esse teu suor “**sargado**”

É gostoso e tem sabor  
Pois o teu corpo suado  
Com esse cheiro de “**fulô**”  
Tem um gosto temperado  
“**Dos tempero**” do amor

Vem, morena, pros meus braços  
Vem, morena, vem “**dançá**”  
Quero ver tu requebrando  
Quero ver tu requebrar  
Quero ver tu “**remexeno**”  
Resfulego da sanfona  
“**Inté**” que o sol raiar  
Quero ver tu remexendo  
Resfulego da sanfona  
“**inté**” que o sol raiar

CANÇÃO 4:

#### Maria Chiquinha

Gêysa Bôscoli e Guilherme figueiredo

Que “**cocê**” foi “**fazê**” no mato, Maria Chiquinha?  
Que “**cocê**” foi “**fazê**” no mato?  
Eu “**percisava**” corta lenha, Genaro, meu bem  
Eu “**percisava**” corta lenha  
Quem é que “**tava**” lá com “**ocê**”, Maria Chiquinha?  
Quem é que “**tava**” lá com “**ocê**”?  
Era filha de Sádona, Genaro, meu bem  
Era filha de Sádona  
Eu nunca vi “**muier**” de colote, Maria Chiquinha  
Eu nunca vi “**muier**” de colote.  
Era a saia dela amarrada nas pernas, Genaro, meu bem  
Era a saia dela amarrada nas pernas  
Eu nunca vi “**muier**” de bigode, Maria Chiquinha

Eu nunca vi “**muier**” de bigode  
Ela tava “**cumeno**” jamelão, Genaro, meu bem  
Ela tava “**cumeno**” jamelão  
Nu “**meis**” de setembro “num” dá jamelão, Maria Chiquinha  
Nu “**meis**” de setembro “num” dá jamelão  
Foi uns que deu fora do tempo, Genaro, meu bem  
Foi uns que deu fora do tempo  
Então vai “**busca**” uns que eu quero ver, Maria Chiquinha  
Então vai “**busca**” uns que eu quero ver  
Os passarinhos “**cumero**” tudo, Genaro, meu bem  
Os passarinhos “**cumero**” tudo  
Então eu vou te “**cortá**” a cabeça, Maria Chiquinha  
Então eu vou te “**cortá**” a cabeça  
Que “**cocê**” vai fazer com o resto, Genaro, meu bem?  
Que “**cocê**” vai fazer com o resto?  
O resto? “**Podexá**” que eu aproveito.

### 6.3. Influencias Fonético-Fonológicas e Metaplasmos

Tendo sido observadas as letras das canções e as variações linguísticas presentes e destacadas nas mesmas, as subseções a seguir tratarão de classifica-las, se possível de acordo

com os conceitos de metaplasmos de acordo com a “Gramática Histórica da Língua Portuguesa” escrita por José Pereira da Silva (2010).

### Vocalização ou Iotização

O metaplasmo transformador de fonemas denominado vocalização ou iotização ocorre quando uma consoante tem sua pronúncia passada a uma semivogal. No caso da influência africana, esse fenômeno ocorre pela dificuldade da pronúncia do fonema “lh” (/ λ /), transformando-o na semivogal “y”. Tal fato pode ser observado nos seguintes trechos das canções apresentadas acima:

“Quando “**oiei**” a terra “**ardendo**” [...]  
Que braseiro, que “**fornaia**” [...]  
Quando o verde dos teus “**óio**” [...]”

“[...]Eu nunca vi “**muier**” de colote, Maria  
Chiquinha  
Eu nunca vi “**muier**” de colote. [...]”

“[...]Faz o “**véio**” ficar moço [...]”

### Dissimilação

A dissimilação também se encontra no grupo de metaplasmos de alteração de fonemas. Segundo Pereira (2010) “Dissimilação é a transformação de um fonema para torná-lo desigual, dessemelhante a outro”, e, “Às vezes a dissimilação é tão violenta e profunda que leva ao desaparecimento do fonema: aratru > arado; prora > proa”. Na Língua Portuguesa transformada pelos escravos, ocorreram dissimilações nos grupos consonantais de elocução mais dificultosa (É o caso do grupo “gr”), como nos trechos abaixo:

“[...]E já tem “**bêbo**” pra “**daná**”,  
Tem “**nego**” grudado que nem piolho  
Tem “**nega**” piscando o olho [...]”

### Aférese

As aféreses são classificadas como metaplasmos de desaparecimento de fonemas, e ocorre quando há a supressão de um fonema no início de uma palavra. Segundo Mendonça (1973), “ao negro se atribuem aféreses violentas”, como nos exemplos das palavras “ Está > Tá “ e “Você > Ocê”, que podem ser observadas nos trechos das canções:

“[...]“**Tá**” é danado de bom  
“**Tá**” danado de bom meu “**cumpadi**”  
“**Tá**” é danado de bom[...]

“[...]Quem é que “**tava**” lá com “**ocê**”, Maria Chiquinha?  
Quem é que “**tava**” lá com “**ocê**”?[...]

### Apócope

Assim como a aférese, é um metaplasmo de desaparecimento de fonemas nas palavras, porém a apócope é um fenômeno que suprime os últimos fonemas das palavras. No caso aqui estudado ocorre nas letras “l” e “r” nos finais de vocábulos, principalmente em verbos no infinitivo, como nos exemplos abaixo:

“[...]Espero a chuva “**caí**” de novo  
Pra eu “**vortá**” pro meu sertão  
[...] Se “**espaia**” na “**prantação**” [...]

“[...]Vem, morena, pros meus braços  
Vem, morena, vem “**dançá**”[...]

“Me chamando pra “**dançá**”. E eu “**vô**” lá.[...]  
Que tá querendo “**clariá**” [...]  
Que não tem hora pra “**pará**”[...]

“Que “**cocê**” foi “**fazê**” no mato, Maria Chiquinha? [...]  
Então vai “**busca**” uns que eu quero ver, Maria Chiquinha [...]  
Então eu vou te “**cortá**” a cabeça, Maria Chiquinha [...]

### Metátese

A Metátese é um metaplasmo de transposição, e decorrente dele ocorre a troca de posição de fonemas na mesma sílaba. Mendonça (2012) afirma que “Em português os negros fazem uma transposição do “e” prostético da sílaba “es” para “se” : escuta > secuta, escola > secula”. Ocorre também na Língua Portuguesa falada a metátese do “r” pós-vocálico, como na palavra “porque > prunque”.

“[...] Eu “**preguntei**” a Deus do céu, uai  
“**Pruque**” tamanha judiação [...]

“[...]Eu “**percisava**” corta lenha, Genaro, meu bem

Eu “**percisava**” corta lenha [...]”

### Síncope do “D” no grupo “ND”

A síncope ocorre com o desaparecimento de fonemas no interior das palavras. No caso da transformação da Língua Portuguesa decorrente do contato com as línguas africanas, há a ocorrência da síncope da consoante “d” nos grupos consonantais “nd”, principalmente em verbos no gerúndio. O fato linguístico pode ser explicado pela estrutura silábica das línguas oriundas da África que seguem o esquema Consoante-vogal, prejudicando a elocução de encontros consonantais da Língua Portuguesa. Observa-se no trecho abaixo:

“[...]Quero ver tu “**remexeno**”  
Resfulego da sanfona [...]”

“[...]Ela tava “**cumeno**” jamelão, Genaro, meu bem  
Ela tava “**cumeno**” jamelão [...]”

### Perda da Nasalização Final

O metaplasmo denominado desnasalização provoca o fenômeno do desaparecimento da nasalidade de um fonema. A desnasalização ocorrida na variação linguística aqui estudada ocorre no final de vocábulos, omitindo geralmente a letra “m” fazendo com que a palavra termine em vogal, como nos trechos da canção abaixo:

“[...]Os passarinhos “**cumero**” tudo, Genaro, meu bem  
Os passarinhos “**cumero**” tudo[...]”

### Suarabacti

A Suarabacti é classificada como um metaplasmo de desenvolvimento de fonema e ocorre com a intercalação de uma vogal para se desfazer um grupo de consoantes. Segundo Mendonça (2012), também é possível atribuir essa alteração na Língua Portuguesa falada e regional aos negros, mais uma vez baseando-se na dificuldade de elocução de grupos



consonantais decorrente das características das línguas africanas. Um exemplo é a variação da palavra “Flor > Fulô”, possível de se observar no trecho da canção abaixo:

“[...]Pois o teu corpo suado  
Com esse cheiro de “**fulô**”  
Tem um gosto temperado. [...]”

### Rotacismo

É considerado um caso de desarticulação nos metaplasmos, considerados antes vícios de prosódia, como aponta Pereira (2010). Sua maior característica é a troca do “l” (com som da semivogal “w” depois de consoantes), pela elocução da consoante “r” na modalidade oral da língua, como em: Falta > Farta, Almoço > Almoço. Nas canções citadas, o rotacismo aparece em:

“[...]Por “**farta**” d’água perdi meu gado  
[...]Pra eu “**vortá**” pro meu sertão (bis)  
Que eu “**vortarei**”, viu, meu coração [...]”

“[...]E o coração de repente  
Bota o sangue em “**arvoroço**”  
[...]Esse teu suor “**sargado**”  
É gostoso e tem sabor[...]”

### Ditongação

O metaplasmo denominado ditongação ocorre com o desdobramento de um som de uma só vogal em um encontro vocálico, ou seja, transforma-o em um ditongo. Essa alteração linguística pode ser percebida constantemente na modalidade oral e coloquial da Língua Portuguesa sendo uma mudança aceitável em diversos ambientes de fala no território nacional, inclusive nos mais prestigiados. Ocorre principalmente com o acréscimo da vogal “i” depois de “e”, como destacado nos versos abaixo:

“[...]Nu “**meis**” de setembro “num” dá jamelão, Maria Chiquinha  
Nu “**meis**” de setembro “num” dá jamelão [...]”

### **Monotongação ou Redução**

Oposta à ditongação, a monotongação ocorre com a redução ditongos, ou seja, transforma o som de duas vogais em apenas uma dentro da palavra. Na Língua Portuguesa, por influência africana, ocorre a monotongação geralmente nos ditongos “ei” e “ou”. Como afirma Mendonça (1973), “Em Pernambuco e Alagoas, mesmo a gente letrada só pronuncia quêjo, mantêga, fêjão, dêxe”. Isso prova como a língua é maleável e sofre modificações, não só nas classes humildes, econômica e educacionalmente desfavorecidas. Nas músicas nordestinas aqui estudadas, tal fenômeno pode também ser observado:

“[...]Já **“num”** cabe **“forrozêro”**  
E cada vez chegando mais  
**“Tá”**, da cozinha e do **“terrêro”**,  
**“Sanfonêro, zabumbêro”**  
Pra frente e pra trás [...]”

Com base nas análises acima feitas sobre as alterações fonético-fonológicas encontradas em vocábulos e expressões de canções populares que habitam o imaginário cultural, principalmente da região nordeste do país, foi possível concluir que as heranças linguísticas deixadas pelo contato com falantes de línguas africanas serviram de impulso para várias alterações na modalidade oral da Língua Portuguesa do Brasil, difundidas, além do nordeste, em diversas regiões do país com mais ou menos influência, dependendo ainda do ambiente social em que essa língua é proferida. As músicas aqui analisadas, por sua vez, são um reflexo dos viveres e saberes do povo, principalmente das classes subalternas e rurais, regiões mais afetadas pelas transformações linguísticas advindas dos povos africanos.

### **Considerações Finais**

Há uma quantidade considerável de estudos acerca do desenvolvimento da Língua Portuguesa que desconsidera, ou mesmo prefere ignorar grande parte da influência que ocorreu na língua falada no Brasil, através do contato com os milhões de escravos negros falantes de línguas de matrizes africanas que adentraram o país, e tiveram que, de maneira imposta e hegemônica, aprender a Língua Portuguesa e adaptando-a aos fonemas de sua língua materna. Há também o pensamento e o olhar popular apenas para as influências africanas presentes nas religiões, música, festas, culinária e costumes em regiões específicas do país.

Longe de existirem apenas essas influências mencionadas, e após o estudo das tendências linguísticas das línguas africanas no ato de se adaptar a Língua Portuguesa, pôde-se concluir que muitas das variações presentes na língua falada atualmente no país, advêm do grande número de negros escravos, que atuaram como “personagens falantes” e transformadores da língua, mesmo enquanto membros considerados subalternos na sociedade. Esse fator fez com que as alterações sofridas na língua não fossem incorporadas a norma culta da língua, mesmo após séculos de uso, sendo apenas utilizadas no português falado e coloquial, e principalmente nas classes consideradas “baixas”, com pouca educação, economicamente desfavorecidas, além da população rural do país.

A cultura escravagista do Brasil colonial, deu essa posição inferior aos negros, causando assim o “preconceito racial” que se perpetua até os dias de hoje. Também foi a responsável por dar o status de uma “língua de menor prestígio” aos subdialetos alterados pelo contato com as línguas destes escravos, gerando e perpetuando até a contemporaneidade um

tipo de preconceito para com os falantes de variações não padrão da Língua Portuguesa, que são constantemente vítimas de chacota e perda de privilégios, por conta de seu falar. O nome que se dá a esse tipo de exclusão é “preconceito linguístico” e deve-se aos jogos de poderes efetuados em toda a história de nosso país, visto que língua, sociedade, cultura e tem seu desenvolvimento e evolução atrelados e coligados.

Quanto às alterações fonético-fonológicas decorrentes do contato linguístico da Língua Portuguesa europeia com os falantes das línguas Bantu (que é o objeto de estudo específico do presente artigo), pode se concluir que os aspectos estruturais de consoante+vogal presentes nas línguas africanas, contribuíram como um fator favorável a adaptação a Língua Portuguesa, porém o mesmo fato explica a dificuldade de elocução de encontros consonantais do português, além do fato das palavras Bantu apenas terminarem em vogais, o que foi responsável por diversos metaplasmos ocorridos na modalidade oral perpetuada nos falares de diversas regiões do Brasil.

A utilização de músicas que habitam o imaginário cultural popular principalmente das regiões rurais e do nordeste brasileiro a fim de comprovar e exemplificar esses fenômenos linguísticos, foi uma escolha inspirada pelo fato de que esses ambientes tiveram maior contato e influência desses povos, devido ao grande número de negros trabalhadores das lavouras de ambiente rural e da representatividade da cultura desses povos no nordeste brasileiro. Essas músicas, apesar de não estarem vinculadas necessariamente a afrodescendentes, contém as alterações aqui estudadas, comprovando assim que há uma herança deixada na Língua Portuguesa falada no Brasil, impulsionada pelos falares dos povos africanos, mas que atualmente está presente na língua falada pela maioria da população nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Africanismos no português do Brasil**. Revista de Letras. Vol. 30, 1/4, jan. 2010/dez. 2011, p. 7-16.



Edição 25 – Fevereiro de 2020  
Artigo recebido até 30/12/2019  
Artigo aprovado até 22/01/2020

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico – o que é, como se faz**. 15. ed. Loyola: São Paulo, 2002.

GONZAGA, Luiz. **Asa branca**. Pernambuco: RCA Victor, 1947. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=YWjqdILL1Ao>>. Acesso em 20 jul. 2018.

GONZAGA, Luiz. **Danado de bom**. Pernambuco: RCA/Camden, 1984. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=6gtHWbkqpxU>>. Acesso em 20 jul. 2018.

GONZAGA, Luiz. **Vem morena**. Pernambuco: RCA Victor, 1949. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=5xzWr1iYE2k>>. Acesso em 20 jul. 2018.

MARTINET, A. Etnolingüística. In: MARTINET, A. **Conceitos fundamentais da lingüística**. Trad. Wanda Ramos. Portugal: Editorial Presença; Brasil: Martins Fontes [s.d.].

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

PEREIRA, José da silva. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: O Autor, 2010.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **No canto do acalanto**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 1990.

\_\_\_\_\_. **A influência das línguas africanas no Português Brasileiro**. Disponível em

<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. acessado em 20/07/2018.





Edição 25 – Fevereiro de 2020  
Artigo recebido até 30/12/2019  
Artigo aprovado até 22/01/2020

RAMOS, Natália. **Influência das línguas africanas na língua portuguesa falada por afro-descendentes da comunidade Tia Eva em Campo Grande/MS – Campo Grande:** UEMS, 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA NETO, S. da. **História da língua portuguesa do Brasil.** 5. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1988.